

CONTRIBUIÇÃO AO BALANÇO ELEITORAL DO PT

COORDENAÇÃO NACIONAL DA DS

1. O PT sempre integrou a disputa local à disputa nacional, passando também pelos estados. A relação entre as eleições municipais e a disputa da presidência da república, no entanto, não é direta e nem automática. Em 2018, por exemplo, alcançamos 30% no primeiro turno com Haddad e vínhamos (em 2016) de 5% dos votos municipais. As disputas presidenciais desde 1989 – e talvez se possa dizer desde a República – são momentos de alta condensação da luta política e especialmente desde 1989 expressam a polarização social e política de projetos nacionais com referência nas classes fundamentais do capitalismo brasileiro. Essa dimensão se apresenta, como sabemos, de forma bastante mediada e às vezes até turvada no âmbito municipal.

2. Por essa razão, o PT busca imprimir um caráter nacional às disputas locais. Ou, se quisermos, elementos da disputa nacional de projetos na disputa local. E isso é facilitado

pelo fato de o nosso partido ter se construído como partido nacional e com um projeto nacional. Também contribui para essa intervenção pela nacionalização das disputas municipais o programa de governo do partido para o poder local, o modo petista de governar. Os bons exemplos e a referência programática constituíram-se, além de orgulho e identidade partidários, um grande reforço à luta de hegemonia para o projeto de transformação nacional que representamos.

3. Nesse processo histórico o PT abriu-se aos movimentos sociais, aos que não têm vez nem voz política. Ao mesmo tempo buscou uma construção orgânica em que a representação parlamentar e nos executivos se integrassem ao desenvolvimento do partido de modo que aparatos e recursos estatais não fossem utilizados em projetos próprios ou para controle do partido. Ou para barrar renovações de quadros e de representação para fora e para dentro do PT.

4. A relação entre as eleições municipais e a disputa nacional deve nos dar elementos para avaliar acúmulos e alterações na correlação de forças; reforço ou enfraquecimento de tendências já presentes na sociedade. E ainda, e não menos importante, para ajudar a compreender avanços e limites na construção do partido e na sua luta pela hegemonia política.

5. Podemos adiantar algumas conclusões a partir dessa perspectiva:

1^a) a mobilização partidária, o esforço de atualizar o modo petista de governar e a defesa do Partido tiveram impacto muito positivo na disputa e conseguiram estancar o descenso aberto em 2016. O partido – de forma não linear, é preciso destacar – retoma capacidade de disputar em grandes centros urbanos.

2^a) o projeto nacional – que se refere à disputa de rumos do país, ao enfrentamento da extrema direita e do neo-

liberalismo, em suma, à alternativa de governo de esquerda como decorrência ao Fora Bolsonaro! – é o elemento nacional que faltou à linha do PT. É um elemento maior do que a defesa do legado, da liberdade do presidente Lula e da autodefesa partidária. É justamente o projeto nacional no sentido mais amplo de reconstruir a esperança em novas bases que faltou na linha do PT na disputa municipal.

3ª) em consequência, a construção da frente de esquerda não foi posta como objetivo nacional igualmente importante. A frente de esquerda, em geral, se realizou por iniciativas estaduais e municipais.

4ª) nitidamente, não houve uma política de colocar no centro tático a construção da alternativa de esquerda para derrotar a extrema direita e a direita neoliberal. Essa é a grande falha da linha nacional majoritária no PT.

5ª) o sentimento de massas de esquerda esteve mais avançado que a linha de acumulação própria. Ora, sabemos que esses dois objetivos – a defesa do partido e o projeto nacional – são possíveis de andar juntos. Aliás, andam melhor juntos. Como andaram em 2018 quando movimentos amplos apoiaram nosso candidato contra a extrema direita; também em 2014 para enfrentar a aliança neoliberal de direita e extrema direita.

6ª) o bolsonarismo foi derrotado em SP e Rio (e outras metrópoles), apesar de dispor de forças não desprezíveis disseminadas no território nacional e de contar com fortes dispositivos de mobilização antiesquerda, mas não os centralizou politicamente em situações decisivas e nítidas de confronto. De outro lado, não se pode desprezar o crescimento de forças de direita de perfil fisiológico e de baixa identidade nacional, o chamado “centrão”, que tem se alinhado com a extrema direita no governo.

7ª) a direita neoliberal, PSDB à frente, tem a seu favor a vitória de segundo turno em São Paulo contra a esquerda e subordinando a extrema direita, e o crescimento do DEM.

Mas PSDB e MDB tiveram suas votações nacionais em queda significativa de 2016 para 2020.

8^a) o mapa municipal desloca-se para a direita mas com contradições e fissuras que permitiram grandes disputas da esquerda em grandes centros e vislumbram o potencial de crescimento da esquerda.

9^a) a tese da frente de esquerda vinculada à construção de uma alternativa à extrema direita e ao neoliberalismo foi vitoriosa na massa. Há uma necessidade de unidade da esquerda e há um eleitorado de esquerda em busca de unidade da esquerda. Para votar e para participar dela. É possível construí-la e é possível ampliá-la para a centro-esquerda. Deve ter um caráter de defesa da democracia e radicalmente alternativa ao neoliberalismo. É o caminho para estruturar a alternativa de esquerda contra a extrema direita e a direita neoliberal. A frente de esquerda deve ser construída desde já, programática e organicamente.

I. O ELEMENTO NACIONAL NAS RECENTES ELEIÇÕES MUNICIPAIS

6. O confronto com a extrema direita no governo e qual nova alternativa de governo será vencedora é o que tem pautado a sociedade brasileira praticamente desde a vitória em 2018 de Bolsonaro depois da grande polarização do segundo turno daquele ano. Essa questão central está posta para a esquerda de forma mais aguda pelo menos desde que se unificou no movimento Fora Bolsonaro. A pandemia, junto com a crise econômica, ampliou os espaços de oposição. Por isso, o balanço eleitoral deve ter como um dos seus focos centrais, senão o mais importante, a disputa nacional. Perceber quais forças avançaram para esta disputa e quais movimentos políticos podem ser extraídos das eleições tendo em vista a ampla e profunda crise do Brasil sob o governo da extrema direita.

7. Os grandes meios de comunicação apressaram-se em declarar a vitória da direita neoliberal, formada em torno do PSDB e DEM. Mesmo que o PSDB tenha perdido nacionalmente 7 milhões de votos entre 2016 e 2020, no primeiro turno, o discurso da hegemonia da direita neoliberal já estava pronto para ser anunciado com a vitória em São Paulo.

8. Ocorre que, além da perda de votos do PSDB, há forte entrelaçamento dos diversos partidos da direita neoliberal com a extrema direita no governo. E isto foi pouquíssimo explorado na disputa municipal, salvo exceções como São Paulo pela candidatura de Guilherme Boulos. De outro lado, a extrema direita (que se expressou principalmente, mas não só, através dos “republicanos”, “patriotas” e “social liberais”) e partidos anexados a ela no governo, como PSD e PP, mesmo derrotada na maioria dos segundos-turnos que disputou, somou expressiva votação nacional. Vale dizer, não está fora da disputa nacional e continua governando o país graças à conivência e ajuda da direita neoliberal, irmanados no mesmo programa econômico que produziu a crise em que se encontra o país.

9. É possível que a “proclamação” da vitória do PSDB pela grande mídia tenha por base o segundo turno paulistano. Devemos olhar esse confronto. O PSDB reuniu toda a direita e a extrema direita, invertendo a equação que levou Bolsonaro com seu apoio à presidência. De outro lado, Boulos reuniu a esquerda e a centro-esquerda. Nesse sentido, analisar São Paulo importa por ter sido a disputa mais nítida de blocos no segundo turno e logicamente pela centralidade de São Paulo na disputa nacional. É importante compreendermos todos os aspectos dessa disputa, desde a votação na periferia ao enorme volume da abstenção. O movimento do PT no segundo turno reforçou enormemente a votação da esquerda, especialmente com a entrada dos votos populares. Ainda que obviamente

precoce, a comemoração da direita neoliberal é um alerta para o PT e a esquerda.

10. A linha oficial do PT de apresentar um máximo de candidaturas para defender o partido teve importância, contribuiu para elevar nossa presença nos municípios grandes e para estancar a queda que vinha desde 2016. Mas é insuficiente, pois é possível disputar hegemonia e construir afirmação partidária. Aliás, os dois objetivos se realizam melhor, com mais sinergia, quando construídos de forma combinada e conjunta com alianças de esquerda para enfrentar o problema político central do país: a construção da alternativa de esquerda face ao governo da extrema direita.

11. Além de insuficiente, a linha quantitativa da direção do PT levou a candidaturas inconsistentes em lugares absolutamente decisivos como SP e BH. Nesses casos desconheceu não só alianças de esquerda como até a chamada sociedade civil petista, intelectuais, lideranças e a simpatia eleitoral mais ampla construída pelo partido. A candidatura de um partido de massas não pode ser apenas a expressão da correlação de forças interna. Obtivemos resultados píffios.

II. CONSTRUIR A ALTERNATIVA DE ESQUERDA DESDE JÁ OU POR QUE A FRENTE DE ESQUERDA É NECESSÁRIA DESDE JÁ.

12. Uma frente de esquerda é necessária quando há fragmentação da classe trabalhadora e quando os inimigos de classe representam forças que nos ameaçam seriamente. Esse debate e essas condicionantes aparecem claramente nos primeiros congressos da Terceira Internacional e também naqueles da Oposição de Esquerda frente ao fascismo na Alemanha.

13. Reivindicamos essa tradição e a ela agregamos experiências atuais na América Latina, como a da Frente Ampla no Uruguai. Elas mostram que a unidade da esquerda é fundamental para barrar o neoliberalismo, a extrema direita e avançar na conquista da democracia nas suas formas mais radicais de participação e de perspectivas de superação do capitalismo.

14. O texto apresentado por Raul Pont, “Por uma frente de esquerda no Brasil”, expressa nossa visão estratégica no atual período da luta de classes. O PT contribui com essa construção com sua história, programa, legado, enraizamento, experiência e capacidade de direção. Pelo seu caráter estratégico, não é uma tarefa a ser empurrada para o “período eleitoral”, mas cuja construção deve ser iniciada desde já e fortemente combinada com a luta pelo Fora Bolsonaro. Não é só tática eleitoral, é estratégia para retomar a polarização social e política no país. Não se mede pelas dificuldades de todos os tipos para construí-la, mas pelo potencial que representa para a luta democrática e para retomar a perspectiva de grandes transformações no Brasil.

III. A DERROTA DE TRUMP E A EXTREMA DIREITA NO BRASIL

15. O neoliberalismo (o programa e a globalização) e a crise das democracias são as causas que levaram a extrema direita ao poder nos EUA e em outros países como o Brasil. O neoliberalismo foi o programa responsável pelas crises econômicas e políticas recentes e a consequente ascensão da extrema direita. A brecha aproveitada pela extrema direita se abriu com conciliações da esquerda e centro-esquerda com o neoliberalismo.

16. A derrota de Trump não sinaliza retrocesso do neoliberalismo; a natureza do governo Biden é neoliberal e imperialista. Deve atuar para recompôr a ordem interna-

cional sob hegemonia do principal Estado imperialista. Sua evolução talvez possa ser contida ou pressionada pela esquerda, mas não disputada.

17. O processo, no entanto, que tornou possível a derrota de Trump vai muito além do governo Biden. Representa uma reação democrática muito heterogênea, de setores de Wall Street a Alexandra Ocasio-Cortez, ao movimento BLM (Vidas Negras Importam) e muitos outros que se somaram na oposição à extrema direita nos EUA. Pode abrir-se um período de grandes disputas políticas e mobilizações populares nos EUA. Correntes políticas à esquerda do liberalismo vêm se formando e podem se fortalecer.

18. O significado internacional mais importante da queda de Trump poderá ser a inversão da onda que levou a extrema direita a governos de diversos países ou a crescimentos muito importantes como força política. A hipótese que decorre daí é que poderá expandir-se a queda de governos de extrema direita.

19. Diferentemente do bipartidismo dos EUA, no Brasil o PT e mais partidos socialistas e populares, CUT e centrais sindicais, MST e movimentos de trabalhadores sem terra, MTST e mais movimentos de trabalhadores urbanos, Marcha Mundial das Mulheres e tantas outras forças fundaram o campo da independência de classe face à burguesia. Apesar das derrotas, recuos e muitas debilidades, existe um campo social e político de esquerda.

20. E por isso, pode-se desenhar o espaço brasileiro em três campos: um campo democrático-popular, um campo de centro-direita e um campo de extrema direita. Em termos “ideais” esses três grandes campos poderiam ser vistos em três eixos programáticos:

> alternativa “retocada” da extrema direita em aliança com setores de direita, com perfil antidemocrático e de ataque às organizações populares, programa neoliberal de austeridade, política externa isolacionista (não nacionalista) de direita;

> alternativa de caráter liberal autoritário, com um programa neoliberal de austeridade, política externa pró-globalização;

> alternativa democrática, com reformas distributivistas, programa antineoliberal e antiausteridade, política externa soberana.

21. A cada campo programático corresponderia uma frente política? Isso está em aberto. O balanço eleitoral nos ajuda a decifrar pontos de largada, acúmulos e os resultados de confrontos de tipo “prévia” em relação à disputa nacional. Mas é o processo nacional que definirá a formação de frentes políticas unificadoras ou a permanência da fragmentação. É de se anotar que o campo político mais fragmentado nessas eleições municipais foi o da extrema direita. Os demais apresentaram diversas formações. Na esquerda, variou do partido-solo a formações mais completas de frente de esquerda. Na centro-direita, algo similar.

22. As eleições municipais são importantes em dois sentidos:

> pelo impacto no peso relativo de cada força, do que conseguiram acumular agora;

> pelo aprendizado que o PT e a esquerda no seu conjunto irão retirar dessa experiência e as perspectivas nacionais que se formarão.

23. Para o PT e a esquerda, sem dúvida, a condição ideal de disputa é a que proporcionar mais força para lutar pela unidade da classe trabalhadora e pela maioria social, vale dizer, pela conquista democrática de um governo de esquerda.

Essa é a perspectiva de uma frente de esquerda com unidade programática e capacidade de mobilizar as maiorias para vencer, tomar posse e governar. O cenário internacional pós-derrota de Trump é potencialmente adverso à extrema direita e aberto à disputa democrática de alternativas.